



TRAGÉDIA NO RÉVEILLON

Dolorosa espera pelos desaparecidos

Famílias de jovens que estavam no local do incêndio, na Suíça, fazem vigília e cobram notícias das autoridades. Suspeita é de que velas com sinalizadores atearam fogo no bar, onde centenas festejavam a chegada de 2026

Maxime Schmid/AFP



Fachada do Le Constellation: peritos investigam causas e trabalham na identificação das vítimas

Famíliares de dezenas de adolescentes que seguiam desaparecidos desde o incêndio devastador que matou no ano-novo mais de 40 pessoas em um bar na estação de esqui de Crans-Montana, na Suíça, seguiam ontem sem resposta sobre o paradeiro deles. As autoridades locais informaram as nacionalidades de 105 sobreviventes hospitalizados, enquanto buscavam avançar na identificação dos mortos — um número final e exato continuava pendente. A procuradoria do cantão de Valais citou resultados iniciais das perícias e deu fundamento à hipótese de que o fogo teve origem em velas festivas colocadas para fins decorativos sobre garrafas de champanhe. As fagulhas teriam atingido o forro de madeira e se espalhado rapidamente pelo local.

“Tudo indica que o fogo teve origem em fogos de artifício ou sinalizadores colocados sobre garrafas de champanhe, muito perto do teto. Isso causou um incêndio rápido, muito rápido e generalizado”, disse à imprensa a procuradora-geral do cantão, Béatrice Pilloud. A descrição é coerente com o relato de diferentes testemunhas.

O incêndio começou por volta das 2h30 locais de 1º de janeiro (21h30 da véspera, em Brasília), no bar Le Constellation, muito frequentado na noite de réveillon por turistas, na maioria jovens. As autoridades interrogaram os gerentes do bar, um casal de franceses, mas “até o momento, não foi estabelecida nenhuma responsabilidade

penal”, indicou a procuradora de Valais.

Enquanto as autoridades progrediam com dificuldade no processo de identificação das vítimas, muitas famílias seguiam sem notícias de seus entes queridos. Nas redes sociais, circulavam dezenas de publicações com fotos, descrições

de roupas e apelos desesperados para obter qualquer pista.

“Tentamos entrar em contato com nossos amigos. Publicamos muitas fotos no Instagram, no Facebook, em todas as redes sociais possíveis”, contou à agência de notícias France-Presse Eléonore, de 17 anos.

“Mas nada, nenhuma resposta. Ligamos para os pais, e nada: nem eles sabiam.” A procuradora garantiu que foram mobilizados todos os recursos “para identificar as vítimas e devolver seus corpos às famílias o mais rápido possível”. O chefe de polícia de Valais, Frédéric Gisler, admitiu que o

trabalho “pode levar vários dias”.

Além dos cerca de 40 mortos, foram contabilizados 119 feridos, dos quais 50 foram transferidos para centros especializados em queimaduras graves de outros cantões suíços, afirmou Mathias Reynard, presidente do governo regional de Valais. Pelo menos 80 estavam em estado crítico. As autoridades ainda não conseguiram determinar quantas pessoas estavam no bar de dois andares, um deles subterrâneo, com capacidade para pelo menos 300 pessoas, segundo o site do estabelecimento.

As autoridades acreditam que há muitos estrangeiros entre as vítimas, mas ainda não divulgaram qualquer informação sobre as identidades. Entre os feridos identificados estão 71 suíços, 14 franceses, 11 italianos, quatro sérvios, um bósnio, um belga, um luxemburguês, um polonês e um português, detalhou a polícia.

Luto

Nas ruas e nos cafés do centro de Crans-Montana, a tragédia estava em todas as conversas. “A atmosfera está pesada”, confessou à AFP Dejan Bajic, turista de 56 anos, morador de Genebra que frequenta a estação de esqui desde 1974. “É como um pequeno vilarejo: todos nós conhecemos alguém que conhece alguém afetado”. Na rua em frente ao bar, várias pessoas depositaram flores.

MÉXICO

Terremoto causa susto e uma morte

A presidente Claudia Scheinbaum ilustrou ontem, diante da imprensa, os momentos de apreensão vividos na Cidade do México quando um terremoto de magnitude 6,4 na escala Richter sacudiu o sudoeste do país. “Ui, está tremendo!”, disse a governante quando soou uma sirene de alarme em meio ao pronunciamento que fazia. O abalo, com epicentro no vizinho estado de Guerrero, foi sentido principalmente na área turística do litoral do Pacífico. Embora não tenham sido registrados danos, um homem de 60 anos morreu ao sofrer uma queda quando tentava deixar sua casa, na capital, durante o tremor.

“Ele deixou seu apartamento, no segundo andar, tropeçou e perdeu a consciência”, informou o governo da prefeitura de Benito Juárez. Quando os paramédicos chegaram, “já não apresentava sinais vitais”, acrescentou. Ficaram feridas mais

12 pessoas, segundo postou na rede social a prefeita da Cidade do México, Clara Brugada. O forte tremor foi precedido, um minuto antes, por alarmes que, durante o feriado prolongado do fim de ano, acordaram muitos mexicanos e turistas — alguns saíram às ruas ainda de pijama.

O epicentro do terremoto, registrado às 7h58 (10h58 em Brasília), foi localizado a 15km de San Marcos, perto da turística Acapulco, no estado de Guerrero. “Eu ainda estava dormindo quando o alarme da rua começou a tocar”, disse à agência de notícias France Presse Karen Gómez, 47 anos, que mora no 13º andar de um prédio no bairro de Álvaro Obregón, na capital. “O alarme do celular me assustou muito”, contou, referindo-se a um sistema de alerta por celular implementado pelo governo federal em 2025.

“O susto foi horrível. Dava para sentir o

prédio tremendo”, completou Norma Ortega, 57 anos, moradora de um prédio próximo. Em Acapulco, Ricardo, um turista que deixou o hotel sem camisa, lamentou estar “começando o ano com esse susto”. Residente no estado de Morelos, no centro do país, ele sentiu uma réplica quando já estava do lado de fora do edifício. Até as 9h, 151 réplicas tinham sido registradas pelo Serviço Sismológico Nacional.

Alerta

Parte da Cidade do México, principalmente a área central, foi construída sobre o subsolo lamacento do que antes era um lago, o que torna a capital vulnerável a terremotos. Os mais sentidos são aqueles que se originam na costa de Guerrero, a menos de 400 km.

Com o apoio do Serviço Sismológico

Francisco Robles/AFP



Turistas surpreendidos pelo tremor esperam do lado de fora do hotel, em Acapulco

Nacional, foram desenvolvidos sistemas de alerta, incluindo aplicativos para smartphones, que avisam sobre terremotos fortes e dão aos moradores até

um minuto para ficarem em segurança. O governo da cidade instalou alto-falantes em postes de iluminação pública que transmitem o “alerta sísmico”.

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.bsb@gmail.com

Narcotráfico no mundo multipolar

É uma reordenação geral na geopolítica do crime organizado que compõe o pano de fundo para a ofensiva ordenada por Donald Trump contra Venezuela — e, secundariamente, Colômbia e México — a pretexto de uma “guerra às drogas”. Assim como a ordem política global, também as teias dos negócios ilícitos se reconfiguram nos moldes de um arranjo multipolar, em que novos atores entram em cena e o roteiro passa por adaptações.

Como aconteceu na virada do século, com a globalização da economia, também na multipolaridade o submundo se antecipa ao que se desenrola no tecido institucional. Enquanto governos e autoridades oficiais se debatem entre formalidades, cartéis

e máfias costuram suas interrelações à margem de constrangimentos legais.

A ilegalidade cobra seu preço. Mas oferece vantagens — ainda que temporárias. E os interessados não costumam hesitar em aproveitá-las.

Rei morto...

Um dos ingredientes centrais na “nova ordem” do narcotráfico é a desmontagem dos cartéis colombianos de Medellín e Cali, que dominaram o negócio nos anos 1980 e 1990. Foram essas as organizações que fizeram do país o maior produtor mundial da folha de coca e da cocaína.

Os chefões colombianos caíram no

marco de uma ofensiva arquitetada entre Bogotá e Washington, e acoplada ao combate existencial do Estado contra a guerrilha esquerdista das Farc. Pablo Escobar foi morto, outros “capos” foram presos e extraditados para os EUA. As Farc depuseram armas.

E a Colômbia segue encabeçando o ranking mundial da cocaína.

...rei posto

O declínio dos grandes cartéis colombianos acompanha a ascensão dos concorrentes mexicanos. Por muito tempo, eles construíram seu poderio controlando vias de acesso para a cocaína colombiana ao mercado norte-americano. Sobreretudo, operando rotas marítimas a partir do litoral do Pacífico.

No crime, como na política, não existe vácuo. A fragmentação das máfias colombianas abriu um espaço que os mexicanos não tardaram para ocupar. Hoje, eles operam diretamente complexos de cultivo e refino na Colômbia. Inclusive, em áreas de

fronteira com o Brasil, onde sua presença é hoje objeto de atenção — e preocupação.

O Exército, que mantém pelotões em um punhado de pontos críticos na fronteira da Colômbia, relata com recorrência à Abin e a outros órgãos a presença das máfias mexicanas do lado oposto.

Coisa nossa

O noticiário dos últimos anos sobre a segurança pública no Brasil atesta que a nova ordem global do crime tem impacto do lado de cá da fronteira. Até o início dos anos 2000, o país era visto — internacionalmente, ao menos — como uma rota alternativa para a cocaína colombiana.

Mais notadamente, as facções criminosas brasileiras operavam carregamentos para os ditos “grandes mercados” — EUA e Europa. Parte da carga original, recebida como pagamento dos cartéis internacionais, se destinava a uma clientela VIP local. Ou era “batizada”, misturada a ingredientes capazes de aumentar o volume, e

destinada a abastecer o “varejo” do mercado interno.

Salto quântico

Inseridas na reorganização global do crime, nossas organizações criminosas já “reivindicam” o status de máfias na nomenclatura de organismos como o escritório da ONU para o crime, que atende pela sigla UNODC.

Os tentáculos das facções brasileiras estão há anos assentados no Paraguai. Lá, não apenas elas são donas dos maiores cultivos de maconha, que abastecem o mercado brasileiro. Usam também o país como entreposto para o tráfico de cocaína e armas.

No outro extremo do território, os cartéis brasileiros — assim começam a ser chamados — assumem o controle de áreas expressivas da fronteira norte. E operam o escoamento, principalmente de cocaína, através do Solimões, até Manaus e dali para a foz do Amazonas.

E para o mundo.